

Deutsche Bank com falhas sérias no controlo de crimes financeiros

AUDITORIA Escritórios do banco alemão no Reino Unido, na Índia e em Dublin não estão prontos para lidar com lavagem de dinheiro

As falhas são "sérias", "sistémicas" e o Deutsche Bank, o maior banco alemão, não está capaz de controlar com eficácia crimes de lavagem de dinheiro ou de financiamento de terrorismo, quando os valores passam pelas contas dos seus clientes. A conclusão é de uma auditoria que a Autoridade de Conduta Financeira, o regulador do mercado financeiro no Reino Unido, fez aos escritórios do banco no Reino Unido, na Índia e em Dublin, na Irlanda.

A notícia foi ontem avançada pelo *The Financial Times*, que teve acesso ao documento do regulador. Segundo o jornal britânico, a auditoria permitiu identificar lacunas no sistema de controlo do Deutsche Bank que vão desde documentos em falta até à ausência de monitorização de transações financeiras. Mas há mais. As falhas passam também por pressão inadequada a alguns dos trabalhadores do banco para que aceitem ficar com as contas de determinados clientes.

Perante estas conclusões, o regulador avisa, em carta enviada ao Deutsche Bank, que "o envolvimento eficaz das chefias de topo e uma liderança no controlo de crime financeiro têm vindo a faltar por um período de tempo considerável". Agora, a Autoridade de Conduta Financeira exige ao banco alemão que elabore um relatório com as medidas que vai implementar para remediar a situação.

As conclusões deste documento, que deverá levar meses até ser finalmente concluído, poderão levar o regulador a reforçar a investigação. Para já, em comunicado, o Deutsche Bank refere apenas que "compreende a importância deste assunto" e está "comprometido" com a sua resolução.

Na semana passada, na quinta-feira, o banco anunciou uma diminuição de lucros na ordem dos 61% (face ao mesmo período de 2015), fixando-se nos 214 milhões de euros. "Os mercados financeiros foram difíceis no primeiro trimestre, pois refletiram as dúvidas sobre o desenvolvimento da economia mundial", argumentou o presidente do maior banco alemão, John Cryan, para explicar os resultados desastrosos. R.B.R.